

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

15. Sintomas familiares, famílias sintomáticas

Responsável EBP: Maria do Carmo Dias Batista

Participantes: Alessandra Sartorello Pecego, Antonia Claudete Amaral Livramento Prado, Cristiana Gallo, Daniela de Camargo Barros Affonso, Maria Cecília Galletti Ferretti, Maria Célia Reinaldo Kato, Maria do Carmo Dias Batista, Mônica Bueno de Camargo, Silvia Sato, Veridiana Maruccio

Achamos que dizemos o que queremos, mas é o que quiseram os outros, mais particularmente nossa família, que nos fala. Escutem esse ‘nós’ como um objeto direto. Somos falados e, por causa disso, fazemos, dos acasos que nos levam, alguma coisa de tramado. Com efeito, há uma trama – chamemos isso de nosso destino.

Jacques Lacan, 16-6-1975¹

1. Pressupostos

O pressuposto do qual parte este trabalho é o de que o termo “famílias sintomáticas” é um pleonismo. Não há, portanto, família que não seja sintomática, que não produza sintomas. Daí a relação estabelecida no título entre sintomas familiares e famílias sintomáticas. Entretanto, é necessário logo a princípio explicitar a base epistêmica dessa afirmação. Depois, ao longo do próprio trabalho a afirmação inicial será confirmada e melhor estabelecida.

Assim, em Nota Sobre a Criança,² escreve Lacan: “O sintoma da criança acha-se em condições de responder ao que existe de sintomático na estrutura familiar. Sintoma – esse é o dado fundamental da experiência analítica – se define, nesse contexto, como

¹ Lacan, J., (1974-1975) *O Seminário, livro 23. O sintoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 158-159. APUD: Bassols, M., Famulus. *Lacan XXI. Revista FAPOL Online* N° 2. Outubro 2016.

² Lacan, J., (1969) Nota sobre a Criança. *Outros escritos* (2ª ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

representante da verdade. Verdade do inconsciente, do casal, da família, da mãe”. Portanto, é Lacan afirmando que a estrutura familiar é sintomática e, ainda, que os sintomas da criança respondem a isso.

Jacques-Alain Miller em *A criança entre a mulher e a mãe*,³ diz:

Quando o sintoma da criança diz respeito à vinculação do par pai/mãe, ele já está articulado à metáfora paterna [...]. Ao contrário, o sintoma da criança é bem mais simples se ele diz respeito à fantasia da mãe; mas, nesse caso, ele também é maciço e, no limite, apresenta-se como um real indiferente ao esforço para mobilizá-lo pelo simbólico, pois, precisamente, não se tem a articulação do caso precedente.

Pai, mãe e criança constituem a família nuclear tradicional e Miller mostra duas formas possíveis de apresentação do sintoma da criança nessa configuração familiar.

2. A família é cultura e relações sociais, não natureza

Lacan, em *Os Complexos Familiares*,⁴ destaca que a espécie humana se caracteriza por um desenvolvimento singular das relações sociais sustentado pelo que chama de comunicação mental, e, ainda, por uma economia paradoxal dos instintos suscetível de conversão e de inversão, o que permitiria comportamentos adaptativos de variedade infinita. A comunicação proporciona a conservação e o progresso da família constituindo a cultura, dimensão que especifica o humano. Embora Lacan refira-se a traços de comportamento instintivos na família, atribuindo-os às fases mais primitivas das funções maternas, logo recorre ao “sentimento de paternidade” para afirmar que as instâncias culturais dominam as naturais.

A tese fundamental de Lacan nesse texto é a “desnaturalização do homem e o tratamento da família como fato social”,⁵ como afirma Miller em seu Seminário Respostas do Real, nas duas lições sobre *Os Complexos Familiares*:⁶

³ Miller, J.-A., (1996) *A criança entre a mulher e a mãe. Opção Lacaniana online nova série*. Ano 5. Nº 15.

⁴ Lacan, J., (1938) *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia. Outros escritos* (2ª ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

⁵ Audi, C., (2017) *Leitura crítica dos “Complexos familiares” (Resenha). di#versos. Boletim das VII Jornadas da Escola Brasileira de Psicanálise - São Paulo Nº 3. Junho 2017.*

Com certeza, como se trata de um fenômeno de geração e concerne à vida, enfatiza-se que tanto o animal quanto o homem têm família. Se é possível isolar a família a partir da própria geração, da procriação e da necessidade de manutenção de um meio ambiente para o desenvolvimento dos jovens, por parte dos indivíduos adultos, mesmo no animal [...], o social é diferente do estritamente familiar, do estritamente natural. E, para passar ao homem, ele [Lacan] o caracteriza, desde o começo, pelo desenvolvimento das relações sociais.

E ainda:

A ênfase posta sobre o social [...] e sobre o cultural como sendo o que especifica o social no homem, um cultural feito de sedimentações da comunicação, já anuncia a noção de simbólico pela afirmação, chocante em todos os sentidos para o leitor da época, de que o que a psicanálise verifica é a dominância dos fatores culturais. Isso o leva [Lacan] a uma definição da ordem humana como tal, ou seja, diferenciada daquilo que ordena as relações das espécies animais, ‘subversiva a toda fixidez do instinto’.⁷

É importante também notar, na relação família-cultura, o que diz Miller sobre a proliferação de saberes aos quais o sujeito infantil está submetido, seja o Estado conferindo-lhe uma “identidade nacional”, seja a família na transmissão de valores, ou a mídia na imposição de seus diversos modelos de conduta.⁸ A família desempenha um papel primordial na transmissão da cultura, prevalecendo na educação, na repressão dos instintos e na aquisição da língua materna, o que faz dela a instância que “preside os processos fundamentais do desenvolvimento psíquico” e “transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência”.

Freud, em “Psicologia das massas e análise do eu”, cita dois grupos permanentes, organizados e artificiais: a Igreja e o Exército. O líder tem um amor igual para todos os indivíduos do grupo. Aqui Freud faz uma analogia entre esse amor igualitário do líder ao

⁶ Miller, J.-A., (1983-1984) Leitura crítica dos “Complexos Familiares”. *Opção Lacaniana Online* N° 2, p. 2.

⁷ *Ibidem*, pp. 6-7.

⁸ Miller, J.-A., A criança e o saber. <http://www.lacan-universite.fr/jacques-alain-miller-1%E2%80%99enfant-et-le-savoir>

pai e à estrutura da família. Enfatiza que também libidinalmente os membros do grupo estão ligados entre si.⁹

A autoridade e o modo de parentesco, herança e sucessão são as características primordiais da família, traços, salienta Lacan, que se fazem presentes desde as formas mais primitivas de família.

3. As três formas de famílias sintomáticas

A partir da obra de Freud e do ensino de Lacan, dividem-se aqui em três as formas possíveis de famílias sintomáticas. Trata-se tão somente de uma divisão didática, uma vez que elas se sucedem na história do humano e em sua linha do tempo, ao mesmo tempo em que se entrelaçam.

A primeira delas diz respeito à **família mítica**, aquela do clã, do pai da horda primitiva, descrita por Freud em “Totem e tabu” (1913).¹⁰ O horror ao incesto, o tabu e a ambivalência dos sentimentos; o animismo, a magia e onipotência dos pensamentos, o retorno infantil do totemismo, seriam alguns dos efeitos desta família inicial, origem da religião e da moralidade, da própria civilização.

Nesta família mítica, o pai primevo ou pai da horda tinha direito e acesso sexual a todas as mulheres. Por isso, ele é assassinado pelos filhos (assassinato originário), os quais, em seguida, implantam a Lei (do desejo), tendo como base o medo do incesto. Assim, origina-se a exogamia (relações sexuais e matrimônio somente fora do clã) e o sentimento de culpa, pilares da religião. Porém, perdura (recalcado) o desejo de incesto no psiquismo infantil, sendo, então, incestuosos os primeiros desejos sexuais da criança.

Apreende-se que foi através do assassinato do pai, com o qual os filhos mantinham uma relação ambivalente de amor e de ódio, que o estado de direito pôde se consolidar. O pai morto se mostrou mais poderoso do que o pai vivo, uma vez que os filhos passaram a interditar aquilo que o pai anteriormente os impedia pela força. Ao matarem o pai, os filhos puderam externar o sentimento de ódio, enquanto o amor que também sentiam transformou-se em sentimento de culpa.

⁹ Freud, S (1921) *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Ed. Standard Brasileira. Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora. 1980.

¹⁰ Freud, S., (1980). *Obras psicológicas completas*. Vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Os sintomas derivados da organização das primeiras famílias em torno do assassinato do pai são manifestações coletivas (sociais) e subjetivas presentes desde o início da civilização e persistem até hoje: medo, solidão, ambivalência, desconfiança, paranoia, culpa, inveja, traição, suicídio, assassinato, estupro e outros tipos de violência, como preconceitos, segregação e guerras. Sintomas de tal contemporaneidade que permitem deduzir a importância e a atualidade de “Totem e tabu”, escrito em 1913.¹¹

A segunda forma de família sintomática é a **família edipiana**, compreendida aqui como aquela que passa a ter vigência quando Freud universaliza o Complexo de Édipo, no início do Século XX, depois de perceber que os elementos centrais da peça Édipo Rei, de Sófocles (427a.C.), como o assassinato do pai e o incesto com a mãe, estavam presentes no desejo de todos os humanos, ou melhor, nele mesmo e em todos os neuróticos com os quais iniciava a prática da psicanálise.

Portanto, o Complexo de Édipo tem origem em dois desejos inconscientes recalçados (ou dois tabus): matar o totem e casar com uma mulher do mesmo totem (irmã, mãe). É a família clássica, tradicional, verticalizada e organizada em torno do pai. O triângulo edipiano seria formado pelos vértices Mãe - Criança - Pai.

Lacan, no *Seminário 4*,¹² monta triângulos com outros vértices, como Mãe - Criança - Falo, ou Mãe - Falo - Outro, propondo a troca simbólica do mito do Édipo pelo Nome-do-Pai, com tríplice função: pai simbólico, pai real e pai imaginário. Há também a conceituação do Desejo Materno em relação ao Nome-do-Pai (a Metáfora Paterna). O pai organiza e a mãe domina. Essa dominância engendra no sujeito a fantasia de castração (materna), em relação à qual se posiciona através de mecanismos como o recalque, a forclusão e a recusa, que estabelecem, respectivamente, as estruturas neurótica, psicótica e perversa.

Na colagem inicial mãe-criança incide a função paterna (Nome-do-Pai) e o sujeito é capturado nesse engodo, engajando-se na ordem existente. O Édipo tem, pois, função normativa, dirige a escolha objetual do sujeito e, posteriormente, sua própria função paterna. Se o menino seduz a mãe e exhibe-se, mostra-se a um terceiro, como no Estádio do Espelho, a menina entra no Édipo pela relação ao falo, pois ela tem o falo, desde que o observa na insatisfação fundamental da mãe na relação mãe-criança.

¹¹ “Totem e Tabu” – Psicologado.com – Artigos de Psicologia. Consulta em 20.3.2017.

¹² Lacan, J., (1956.1957) *O seminário, livro 4. A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1995, p. 206.

Hegel afirma que o nascimento da criança é a morte dos pais. Há, de fato, um tipo de morte subjetiva – uma vez que o objeto filho sempre se interpõe – contrabalanceada pela imortalização do Nome que segue sendo transmitido através das gerações. A constituição de uma família implica, então, em um Complexo formado por geração, procriação, atendimento às necessidades de sobrevivência e relações sociais, financeiras e culturais. O complexo familiar é um fator de cultura, não de instinto, afirma Lacan em *Complexos Familiares*, como apontado acima, nele existindo uma economia paradoxal das pulsões, uma gênese datada, repetições de comportamentos e de emoções.

Os sintomas da família edipiana serão designados “teatro da família”. Há um conjunto de ficções que sustenta as recomposições e os disfuncionamentos familiares. Estas ficções são ligadas à manutenção dos semblantes que indicam a hipocrisia como o essencial da vida em família: trata-se do romance familiar. Nele, as crianças imaginam outros pais que não os seus e os pais lamentam por não terem as crianças que “merecem”. A formação das neuroses histórica e obsessiva e seus sintomas têm origem nessa ficção, na hipocrisia, nos segredos de família, na barreira entre as gerações.¹³ A autoridade do pai figura como universal nesta família conjugal tradicional.

A psicanálise nos anos 1960 é acusada de familialista por valorizar os laços de sangue e a proibição do incesto. Entretanto, pensando na prática da psicanálise, vem a calhar a afirmação de Lacan nas Conferências em Yale (1975):

O analisante vem falar de maneira cada vez mais centrada, centrada em alguma coisa que desde sempre se opõe à polis, que é, a saber, sobre sua família particular. A inércia que faz com que o sujeito só fale de papai e mamãe é um negócio curioso.

Finalmente, a terceira forma de família: **as famílias sinthomáticas** contemporâneas e as novas construções familiares. A família contemporânea caracteriza-se pela ruptura com a família conjugal tradicional, como consequência do declínio do pai e da função paterna verificados em meados do Século XX e muito acentuados hoje, tempos da inexistência do Outro e da hipermodernidade.

Ela se caracteriza pela crise da autoridade paterna, com a pluralização dos Nomes-do-Pai; pela horizontalidade nas relações; pela cultura da permissividade; pela transparência que

¹³ Cottet, S., Le roman familial des parents. *La Cause freudienne* N° 65. 2007, pp. 39-42.

abole os segredos de família; pela denúncia das hipocrisias e pela subversão das barreiras entre as gerações.

Lacan, sobre o declínio do pai, diz que o pai é apenas um nome que não se define por uma função, não define uma ontologia particular: ele define um impossível! Diz Éric Laurent:

Admitamos que cada fantasia defina um universo de discurso onde se articula o gozo. O Nome-do-Pai assegura sua consistência ao nomear o impossível [...]. Sustentamos, com Lacan, que o Nome-do-Pai marca o resíduo irreduzível que assinala a impossibilidade desse empreendimento.¹⁴

Porém, a família contemporânea também se nutre de ideais, como laços familiares desembaraçados de modelos e de entraves à livre escolha, e de ser sempre um lugar de experimentação.

Lacan, em Nota sobre a criança,¹⁵ localiza a transmissão da família através das funções do pai e da mãe, do desejo da mãe e do Nome-do-Pai, mas vai além, uma vez que a questão do gozo está sempre presente, seja pelo desejo não anônimo, pela encarnação da Lei, mas, sobretudo, pelas consequências de uma relação dual não mediada pela Lei simbólica, em que o objeto tem estatuto mais real, mais maciço. Lacan aborda a criança pela via do objeto, o que traz diversas consequências para o entendimento da família.

Laurent afirma também que a bússola é o objeto e a não crença no pai.¹⁶

Em outro texto, afirma:

A criança é o objeto a, vem no lugar de um objeto a e é a partir disso que a família se estrutura. Ela não se assenta na metáfora paterna, que era a face clássica do complexo de Édipo, e sim na maneira como a criança é tomada como objeto do gozo da mãe, da família e, para além dela, da civilização.¹⁷

¹⁴ Laurent, E., O Nome-do-Pai entre realismo e nominalismo. *Opção Lacaniana* N° 44, p. 92.

¹⁵ Lacan, J., (1969) Nota sobre a criança. *Outros escritos* (2ª ed). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2003.

¹⁶ Laurent, E., (2014) El niño como real del discurso familiar. *Registros Tomo Verde, Madres y padres*. Buenos Aires. Disponível na Internet.

¹⁷ Laurent, E., (2007) As novas inscrições do sofrimento da criança. *A sociedade do sintoma*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, pp. 44-45.

Seguem alguns dos “sintomas” da família contemporânea: a parentalidade¹⁸ escolhida; o dizer tudo à criança; a promoção da criança-rei em igualdade com os adultos; a educação de crianças que favorece o egoísmo e a incivilidade; a transformação das crianças em tiranos domésticos,¹⁹ fetiches, “objetos de consumo emocional”;²⁰ a realização do eu e narcisismo; o culto ao íntimo; o individualismo; o “tudo é permitido” – Lacan diz em Questão Preliminar: “As verdadeiras crianças são os pais, não há outras crianças na família”. E Jacques-Alain Miller, em resposta a uma ponderação de François Ansermet sobre uma possível “função paterna da criança”, admite: “porque não? De início, poder-se-ia afirmar que é justamente ela que faz o pai e a mãe”.²¹

Nas famílias sinthomáticas, tem-se também de considerar que o relativismo cultural generalizado e as sociedades urbanas favorecem a dissolução da ordem familiar tradicional. Nelas, para além do Nome-do-Pai, está presente e ativa a relação do sujeito com seu gozo: como nas fantasias hedonistas (o prazer como bem supremo), na pedofilia, nas famílias recompostas, nas famílias triplas, na adoção, na homoparentalidade, na monoparentalidade artificialmente inseminada pela tecnociência (o parceiro-sintoma ideal da mãe solteira de hoje: produz o seu privilegiado objeto de consumo e sai de cena), nas crianças transgênero, nas famílias transgênero, nos incestos, na gravidez na adolescência (estes dois últimos casos hoje epidêmicos no Brasil).

A reivindicação dos casais homossexuais vai das “Famílias, eu vos odeio” ao “Famílias, eu vos amo e quero criar uma”, como um tipo de subversão. Cabe aqui lembrar a orientação de Miller sobre a prática com sujeitos homossexuais, que nos obriga a suspender todo preconceito e nos serve em relação ao funcionamento atual da família. Frente às novas reivindicações, somos convidados a repensar alguns conceitos fundamentais da psicanálise.²²

A direção do tratamento deve ser pensada na perspectiva do sinthoma, levando em conta que esses arranjos são a quarta volta que dá sustentação ao nó borromeano entre real, simbólico e imaginário. Arranjos, portanto, necessários para a estabilização do sujeito e da

¹⁸ Brousse, M.-H., Un néologisme d’actualité : la parentalité. *La Cause freudienne* N° 60. 2005, pp. 117-118

¹⁹ Cottet, S., *op. cit.*

²⁰ Bauman, Z., (2004) Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade. *Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços emocionais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 60.

²¹ Miller, J.-A., (1996) A criança entre a mulher e a mãe. *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 5. N° 15.

²² Fanjwaks, F., (2012) Famílias sintomáticas. *Opção Lacaniana online nova série*. Ano 4. N° 10. Março 2013.

família contemporânea. A hipótese de psicoses ordinárias deve ser considerada. Além disso, uma lógica do não-todo deve presidir o tratamento, pois o gozo é rebelde à lei e a toda a universalização.

4. Consideração final

Teria o leitor se convencido de que não há família que não seja sintomática? Para tratar ainda de fazê-lo, caso não esteja persuadido, é preciso lembrar da clínica psicanalítica.

Os testemunhos de passe de Gustavo Stiglitz e de Araceli Fuentes mostram sintomas, mais precisamente, Fenômenos Psicossomáticos (FPS) e sua respectiva vinculação com a família.

Gustavo Stiglitz²³ descreve o gozo do corpo em três tempos. Primeiro, o tempo da asma, onde, criança, sentado na cama, tosse. Há uma satisfação em ser amado e cuidado. Depois, o da hipocondria, que corresponde ao início da análise e se baseia na observação do próprio corpo. O terceiro é o tempo do FPS. Em visita à casa da mãe uma rinite alérgica irrompe ferozmente. A causa, para a medicina, é o pelo dos gatos que lá vivem. O FPS se inclui em sua economia libidinal: passa longos períodos da vida sofrendo. Anos mais tarde acorda com um gato preto andando sobre si. Pensa que vai espirrar. No entanto, ocorre-lhe o significante *Schwartz cutter* (gato preto em ídiche). Gato preto era o apelido de seu pai. Dorme a noite toda. Nem um espirro. A ligação simbólica do pai ao FPS, permitiu passar do nariz inchado a cada vez que rompia um laço, ao estatuto do sintoma, como propõe Miller.²⁴

Araceli Fuentes²⁵ relata escutar na infância uma frase que lhe produz mal-estar no corpo – “Ah, sesuamãeavisse!” – pronunciada pelas vizinhas da aldeia onde morava. A holófrase, nunca esquecida, evoca o olhar da mãe – morta quando Araceli tinha oito meses – percute seu corpo, causa-lhe profunda tristeza. Resto de um luto não efetivado. Trinta anos mais tarde, após a morte do pai, experimenta um congelamento, não há qualquer sentimento.

²³ Stiglitz, G., Tem gato na tuba: sobre o fenômeno psicossomático. *Opção Lacaniana* N° 60. Setembro 2011, pp. 107-111.

²⁴ Miller, J.-A., Algumas reflexões sobre o fenômeno Psicossomático. Wartel, R. et al., *Psicossomática e psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 97.

²⁵ Fuentes, A., Le phénomène psychosomatique, entre la médecine et la psychanalyse. *Quarto, revue de psychanalyse*. Bruxelles N° 104. Mai 2013, pp. 63-66.

Pouco depois, surge a doença imunológica. O Lúpus afeta-lhe a pele e as articulações. É hospitalizada. Sua vida parece ameaçada. O primeiro luto não elaborado a impede de fazer outro. As manchas vermelhas na pele foram o primeiro sinal do real se escrevendo em seu corpo.